

**DUALIDADES DO ESPAÇO URBANO NO “NOVO” CAPITALISMO: REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA E SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**  
DUALITIES OF URBAN SPACE IN THE "NEW" CAPITALISM: REPRESENTATIONS AND MEMORIES IN VITÓRIA DA CONQUISTA AND SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO  
LAS DUALIDADES DEL ESPACIO URBANO EN EL "NUEVO" CAPITALISMO: REPRESENTACIONES Y MEMORIAS EN VITÓRIA DA CONQUISTA Y SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO

Roney Gusmao Carmo

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB/CECULT

guzmao@hotmail.com

**Resumo**

O presente artigo se ocupa em compreender as interrelações entre concreticidade e subjetividade na estrutura do espaço urbano, quando discursos, narrativas, signos e materializações se emaranham na (des) montagem dos cenários. Os municípios de Vitória da Conquista e Santo Amaro da Purificação, Bahia, foram *locus* motivadores desta análise, principalmente porque os referidos espaços tem sido alvo de marcantes mudanças associadas à apropriação e ao abandono executado pelo capital. Para tal análise, foram realizadas entrevistas com a intenção de entender a forma pela qual os sujeitos interpretam as metamorfoses do espaço, associadas à dinâmica da história.

Palavras-chave: espaço urbano, capitalismo, memória, representações.

**Abstract**

This article is concerned with understanding the interrelationships between concreteness and subjectivity in the structure of urban space, where speeches, narratives, symbols and embodiments are entangled in (dis) assembly of scenarios. The cities Vitória da Conquista and Santo Amaro da Purificação, Bahia, were motivators locus of this analysis, mainly because these spaces have undergone marked changes associated with ownership and abandonment performed by capital. For this analysis, interviews were conducted with the intention to understand the way the subjects interpret the metamorphoses of space associated with the dynamics of history.

Keywords: urban space, capitalism, memory, representations.

## **Resumen:**

Este artículo tiene la intención de comprender interrelaciones entre la concreción y la subjetividad en la estructura del espacio urbano, donde los discursos, narraciones, símbolos y formas de realización se enredan en (des) montaje de escenarios. Las ciudades Vitória da Conquista y Santo Amaro da Purificação, Bahía, fueron locus motivadores de este análisis, sobre todo porque estos espacios ha experimentado cambios notables asociados con la propiedad y el abandono realizado por el capital. Para este análisis, se realizaron entrevistas con la intención de entender la manera en que los sujetos interpretan las metamorfosis del espacio asociado a la dinámica de la historia.

Palabras clave: espacio urbano, el capitalismo, representaciones, la memoria.

## **Introdução**

Em meados do ano de 2014, desenvolvemos pesquisa em duas cidades no interior da Bahia, foram elas Vitória da Conquista (com 300 mil habitantes, situada a 516 km da capital) e Santo Amaro da Purificação (com 61 mil habitantes, situada a 78 km da capital). Com especificidades, ambos os municípios têm vivenciado um processo de remodelação espacial que, em diferentes medidas, impacta a população e provoca cisões entre aqueles que contemplam essas transformações.

No percurso metodológico da pesquisa, foram realizadas investigações a fontes documentais como jornais, revistas, atas, além de serem efetuadas entrevistas com pessoas do notório saber e membros da população local. Os entrevistados foram eleitos de modo aleatório, dentro da maior variedade possível de sexo e idade, excetuando os membros de notório saber, cuja seleção para entrevista foi feita seguindo os intentos da pesquisa.

O objetivo dessa pesquisa consistiu em interpretar as transformações nítidas no espaço urbano das referidas cidades, tendo como enfoque a interrelação entre o dinamismo citadino e a trajetória de vida dos sujeitos. Assim, interessou-nos analisar as mudanças suggestionadas pelo “novo” capitalismo flexível na estrutura do espaço e os resultados dessa dinâmica na subjetividade de homens e mulheres que têm cenários urbanos como *locus* de vivência cotidiana.

Com auxílio do marco teórico utilizado, somado ao percurso metodológico adotado, ficou evidente que a crônica subsunção do espaço geográfico ao nexo do capital impacta, em muitas medidas, a representação das pessoas sobre as cidades onde ancoram suas memórias e representações. Tão logo, a ocupação de um prédio histórico por uma popular loja de departamento, massificada pelos veículos de mídia; a asfixia de um monumento pelo gigantismo da fachada de um shopping ou a higienização social dos centros urbanos pela arbitrariedade da gentrificação não se mantêm alheios à população. Esses fenômenos transpassam a subjetividade, ora constringendo, ora provocando uma euforia que mobiliza e cinge as relações sociais.

## Subjetivações concretas

Debates em torno do espaço geográfico frequentemente negligenciam o fato de que, embora fenômenos se materializem na exterioridade dos homens, as suas metamorfoses traçam uma relação dialógica com a existência social dos sujeitos. Com isso queremos afirmar que não concebemos o dinamismo dos espaços como fenômenos externos aos sujeitos, não consideramos apenas como um fruto arbitrário da organicidade social; mais que isso: o espaço é também subjetivação, composto por concretude, mas revestido de representações, discursos e memórias.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

As palavras do autor são muito precisas ao retratarem o espaço em sua articulação complexa com o tempo e, especialmente, em seu movimento “vivo”, não por existir como entidade autônoma, mas porque carrega características de perpétuo movimento como extensão de um organismo vivo ao qual nomeamos sociedade.

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1979, p.10).

Com isso, concordamos com a ideia de que o movimento é condição *sine qua non* do espaço geográfico, pois toda imobilidade não passa de aparência aos olhos. Tão logo, o caráter metamórfico das cidades é efeito da própria transitoriedade da existência social, cuja dialética as inscreve no dinamismo ininterrupto da história. Ademais, esta complexidade torna o espaço geográfico indissociável da existência humana, carregado dos próprios discursos e significados que trafegam nas sociedades. Sobre esta discussão, cabe mais uma análise do mesmo autor:

Objetos e ações contemporâneos são, ambos, necessitados de discursos. Não há objeto que se use hoje sem discurso, da mesma maneira que as próprias ações tampouco se dão sem discurso. O discurso como base das coisas, nas suas propriedades escondidas, e o discurso como base da ação comandada de fora, impelem os homens a construir a sua história através de práxis invertidas. Todos, assim, nos tornamos ignorantes. Este é um grande dado do nosso tempo. Pelo simples fato de viver, somos todos os dias, convocados pelas novíssimas inovações, a nos tornarmos, de novo, ignorantes, mas, também, aprender tudo de novo. Trata-se

de uma escolha cruel e definitiva. Nunca, como nos tempos de agora, houve necessidade de mais e mais saber competente, graças à ignorância a que nos induzem os objetos que nos cercam, e as ações de que não podemos escapar (SANTOS, 1996, p. 45).

Ao acrescentar as simbologias e os discursos como porções integrantes dos objetos que compõem o espaço, Santos observa que as novidades arbitrárias que remodelam permanentemente os espaços são produto de uma sociedade dinâmica e, como tal, carregam ideologias e exalam representações. Por isso, toda reestruturação do espaço, também é reestruturação discursiva, impondo-se no imaginário das pessoas, induzindo fetiches e deslumbres. O movimento do espaço, portanto, opera na concretude das relações sociais e move, simultaneamente, o campo da subjetividade, penetrando o cerne do imaginário humano.

Tal fato se torna ainda mais escancarado quando tratamos de uma sociedade capitalista, quando a subsunção do arranjo espacial ao nexos mercadológico tem adquirido dimensões epidêmicas. Com isso, os redesenhos dos espaços urbanos, por exemplo, parecem obedecer a uma racionalidade capitalista que irradia discurso, já que foi composto também por discursos. Assim, Santos (1996, p. 56) salienta que “para ser mercantil, frequentemente necessita ser simbólica antes”.

Evidentemente, não queremos cometer o equívoco de uma concepção idealista que desvincule o campo simbólico da materialidade da existência social. O que pretendemos é salientar que as esferas material e subjetiva traçam uma relação de diálogo permanente, sendo, muitas vezes, difícil de delimitá-las de modo estanque. Numa clássica comparação, Marx (1996, p. 298) afirma: “o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera”. Essa elaboração mental do trabalho, antes de executá-lo, nada mais é do que uma “construção conceitual” do objeto que, em seguida, será construído no mundo material. Assim, entendemos que o “econômico” não poderia funcionar nem teria efeitos reais sem elementos subjetivos que atravessam discursos. Com efeito, comungamos da ideia de que a arquitetura do capital perpassa também por subjetivações, sincronizada à materialidade da estrutura econômica que, inevitavelmente, redundam em representações que compõem o mundo de significados.

O trabalho, portanto, é também construção de valores e sistematização de sentidos, imbuído de vinculação dialética com o regime capitalista, cuja historicidade metamorfoseia seu significado. E esta ideia é pertinente no momento em que interpretamos o espaço geográfico como produto do trabalho humano que, embora suceda na concretude da vida social, é, antes, “construção conceitual” de objetos que, antes de existirem na matéria, existem no conceito.

Dessa maneira, interessa-nos neste texto compreender a interpenetração das esferas subjetivas e concretas na (re)modelagem do espaço urbano, cujas simbologias impregnam na sua estrutura e cujas formas anunciam a natureza simbólica dos discursos transpassados historicamente nos cenários que compõem as cidades que propomos pesquisar.

## A espacialização da memória

Sobre o espaço, Halbwachs (2006, p. 157) entende que “as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis do nosso eu” e, como tal, interpenetram em nossas representações. Desse modo, ao deciframos os objetos contidos no espaço a nossa volta, incorporamos os sentidos por eles exalados e aplicamos nossas memórias individuais que, permanentemente, colidem e ratificam as memórias sociais. Evidentemente esse processo não é harmônico, é contraditório por natureza porque envolve múltiplas variáveis, como gênero, classe social, etnia, posicionamento políticos e tantos mais que não temos possibilidade de debater no presente trabalho.

É útil lembrar que a memória é seletiva e conflituosa, mostrando-se dinâmica e permeável a sentidos socialmente negociados. De igual modo, a forma como interpretamos as mudanças do espaço toca a memória individual, posta dentro de marcos sociais. Assim, quando entendemos que a consciência é fruto das relações cotidianamente existentes, de forma semelhante as leituras de mundo são resultado dessas relações corriqueiras e estão longe de ser homogêneas e, necessariamente, uníssonas ao grupo que o sujeito pertence.

A contradição marca a forma como as pessoas interpretam as mudanças no espaço, pois, embora falemos de espaços externos a esses sujeitos e, portanto, susceptíveis a remodelagens da dinâmica capitalista global; tratamos também de uma sensação falsa de propriedade. Esse sentimento deixa uma frágil impressão de que os objetos que compõem o espaço nos pertencem simplesmente porque compõem cenários apropriados por nossa memória e, quando são assujeitados às remodelagens do sistema, logo temos uma sensação momentânea de indignação e estranheza. A desconstrução dos cenários, para ceder lugar à “novidade” advinda do expansionismo capitalista, então, violenta nosso senso de pertencimento, extirpa-nos o desejo de conforto decorrente da sensação de continuidade e pertencimento.

Sim, é inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem, perturbem e desconcertem alguns indivíduos em seus hábitos [...]. O passeante sente que toda uma parte sua morreu com essas coisas e lastima que não tenham durado pelo menos o tempo que lhe resta de vida (HALBWACHS, 2006, p. 163-164).

Cabe acrescentar, então, que a imposição espacial do “novo” capitalismo ocorre mediante a espetacularização do consumo em sintonia com tendências globais que se metamorfoseiam numa velocidade perturbadora, tornando-se indigesta para aqueles que são fruto de outra época. Não obstante, os processos de gentrificação inspiram diferentes interpretações, pois a forma como os sujeitos representam a remodelagem dos espaços perpassa a experiência pessoal de vida e as experiências dos sujeitos que têm esses ambientes como cenários. Com isso, afirmamos que não existe um consenso sobre a forma pela qual as pessoas interpretam as mudanças espaciais, uma vez que o lugar ocupado por cada homem e mulher, bem como as biografias irrepetíveis de cada um, corroboram incisivamente para a percepção de mudanças.

Dentro do campo empírico estudado esta foi uma constatação, pois em ambas as cidades pesquisadas não houve predominância de opiniões, existiam olhares divididos, ainda que evasivos sobre o que propusemos estudar.

Para prosseguir a análise, trataremos por um instante das especificidades dos dois espaços analisados, tendo por intenção demonstrar as peculiaridades, bem como as interseções entre as duas cidades.

i. Vitória da Conquista: Foi no início do século XXI que profundas transformações econômicas aportaram na cidade de Vitória da Conquista (Bahia). O município tinha uma produção econômica baseada no comércio e totalmente composta por negociantes locais, cujo perfil de consumo era eminentemente marcado por regionalismos e por hábitos menos regidos pela dinâmica produtiva global. Essa configuração foi radicalmente alterada no início dos anos 2000 quando a cidade foi invadida por grandes empreendimentos de capital externo. Foram hipermercados, *shopping-centers*, redes de *fast-food* e lojas de departamento, que modificaram radicalmente a realidade local e redesenharam o espaço urbano com a imposição de uma atmosfera “metropolitana” ao cotidiano da cidade. Na ocasião, os habitantes locais puderam visualizar em seus bairros a emersão de austeras logomarcas, que até pouco tempo eram fetiches distantes anunciados pela mídia. Agora o cosmopolitismo invadiu a cidade, gerando sensações diversas sobre as marcantes mudanças: de um lado existem aqueles que saudaram a globalização da economia, entendendo-a como “evolução” inevitável e, do outro, está o pequeno burguês local, enciumado com a perda de espaço à polarização do consumo pelos macronegócios. De todo modo, as muitas leituras jamais podem ser descoladas da posição de classe e das trajetórias pessoais de vida que geram muitas experiências, por vezes traumáticas, com as mudanças econômicas as quais nos referimos. O processo expansionista do capital, associado com a ação predatória da acumulação flexível (HARVEY, 1993), interpenetra o cotidiano das pessoas e afeta culturas, hábitos, fantasias e sonhos, ocasionando destabilizações, desfiliações e corrosões de identidades.

ii. Santo Amaro: A referida cidade contém uma significativa quantidade prédios históricos muito mal conservados. Embora exista um consenso entre a comunidade acadêmica sobre a necessidade de conservação das arquiteturas antigas de uma cidade, entre a população esta ideia não é tão consensual quanto se supõe. Quando vigora uma opção generalizada pelo esquecimento, os lugares de memória, que lançam em face um passado doloroso, são perspicazmente hostilizados. A fachada de um antigo casarão pode virar painel para pichadores, palco para vandalismo ou reflexo da indiferença, tanto porque podem remeter a traumas sociais, como também porque não possuem valor simbólico para aqueles que o apreciam. Tão logo, imputar o olhar de pesquisador pela indignação com a deterioração de antiguidades arquitetônicas significa negar a forma como passado e presente dialogam no olhar dos sujeitos que vivenciam determinados espaços. Com isso, a opção pelo sucateamento de prédios históricos é uma opção recorrente na referida cidade e a história revela razões para tal: Santo Amaro foi ícone do nacional-desenvolvimentismo na Bahia em meados do século XX, contudo a ação das empresas extrativistas que adentraram a cidade foi altamente perniciosa, resultando em eventos traumáticos como a contaminação do solo local por chumbo, a ação antrópica devastadora no rio que corta a cidade e a intoxicação de

diversos habitantes pela ação insalubre de algumas empresas. Como saldo, restaram arquiteturas grandiosas abandonadas pela alteração no curso do capital, que fez ruir partes da cidade, promovendo a deterioração de espaços que outrora foram símbolos do crescimento econômico, rapidamente convertidos em ruínas. Desse modo, a múltipla semântica das ruínas é realidade constante entre os moradores locais, que, ao contemplá-las, veem furtado o direito ao esquecimento pelas cicatrizes de um passado pujante e ambigualmente perverso.

## **Representações sobre o espaço**

A dinâmica do espaço está sincronizada ao movimento dialético da história, articulada à macroestrutura orgânica, que, de muitas formas e em distintas temporalidades, impacta a vida mais cotidiana das pessoas. Desta feita, analisamos todas as representações esboçadas pelos entrevistados como porção de um movimento dialético da história, concordando com o conceito de Kosik (2010) sobre pseudoconcreticidade. Para o autor, o senso comum é parte inscrita numa totalidade cambiante e, como tal, permite ao pesquisador interpretar os impactos do tempo presente na vida corriqueira de homens e mulheres comuns.

Assim, ao adentrarmos as representações comuns das pessoas sobre as remodelações dos espaços, assumimos que estes pontos de vistas são relevantes para entendimento das subjetivações que interagem com a materialidade do campo cotidiano. Foi dentro desta lógica, que extraímos discursos pertinentes para compreensão do nexos atual do capitalismo, que atinge representações e captura subjetividades (ALVES, 2011).

Em Vitória da Conquista, observou-se que entre os jovens existe uma melhor concordância com os processos de gentrificação vivenciados na cidade. A retórica da “modernidade”, realçada pelas arquiteturas arrojadas e dos padrões fugazes de comportamento do homem capitalista, coage sobre a necessidade de acolher a globalização como único pressuposto possível para “evolução” social. Na outra ponta, os mais velhos se sentem constrangidos e obsoletos diante de mudanças tão imponentes.

O aparente cosmopolitismo do desenho espacial conquistense fez erigir na cidade ícones do consumismo internacional, alterando a silhueta da cidade e higienizando a pobreza e a simplicidade para ambientes mais periféricos e opacos aos olhos do capital. A “novidade” dos letreiros luminosos, dos prédios suntuosos ou da amplidão dos shoppings captura a subjetividade dos transeuntes, gerando uma sensação de “prosperidade por tabela”. Com isso, surgem opiniões díspares sobre os impactos dos redesenhos espaciais vivenciados na cidade,

Comércio hoje [...] Só para os grandes. Tem gente que não está tirando lucro por ai e se mantém apenas por tradição. Impostos demais, aluguel caro, barateamento de mercadoria [...] Tudo isso desanima (ex-comerciante).

Esta loja aqui recebe muito cliente de outras cidades [...] Isso acontece porque Conquista cresceu e hoje é uma metrópole [...] Minha avó mesmo diz que aqui não

era assim até pouco tempo [...] Eu acho que hoje a vida é bem mais fácil para quem mora aqui (comerciário, 20 anos).

Antigamente a vida podia ser mais tranquila, mas não podiam comprar uma TV moderna como a minha, não tinham treinamentos como os que eu faço e também não conheciam tecnologias como este *iphone* aqui [...] Muita coisa melhorou nessa vida (comerciária, 27 anos).

É interessante sublinhar a profissão e, conseqüentemente, a classe social ocupada pelos entrevistados. O pequeno burguês esboça uma posição contrária às transformações vivenciadas na cidade, desconsertado com a perda substancial de clientela para as grandes redes do varejo. Por outro lado, os jovens trabalhadores se demonstram fascinados com as possibilidades de consumo e com o fetichismo da mercadoria impregnado no desenho espacial urbano. Concordamos, então, com Milton Santos, ao lembrar que toda articulação capitalista é, antes de tudo, discursiva, é também fetichista que arrebatava a alma.

Na cidade de Santo Amaro, a realidade é bastante parecida, todavia com uma sutil diferença: a deterioração dos prédios antigos é interpretada como possibilidade de superação do passado. Logicamente, este posicionamento não se escancara nas falas dos entrevistados, mas se põem nas entrelinhas. Quando questionados sobre as transformações espaciais da cidade, existe um hábito insistente de resgatar o passado e essa lembrança enfatiza episódios trágicos da cidade. Tão logo, a descaracterização do espaço local se traduz como possibilidade de imersão num “novo” momento, não que garanta possibilidades, mas, ao menos, permita sublimar trágicos episódios como a contaminação da cidade por chumbo nos anos de 1960, o incêndio na feira popular que resultou na morte de centenas no mesmo período ou a bancarrota decorrente da fuga de investimento que um dia gerou esperança de prosperidade.

Na rotina local, os prédios ruinosos se tornaram antro de ruína moral, anunciando a decadência e a instabilidade dos moldes de desenvolvimento aqui implantados. É na mudança do percurso capitalista que surge o abandono de determinados ambientes outrora vistos como imponentes. Tornam-se então insalubres, repugnantes e dignos de demolição.

Ademais, os padrões morais que ocupam ruínas também demonstram uma degradação comportamental semelhante à corrosão nítida no arranjo daquele espaço. Os detritos ruinosos frequentemente são preenchidos por “sujeitos arruinados”, cujos comportamentos foram higienizados dos “padrões de normalidade” admissíveis em “espaços oficiais”. Assim

[...] antigos centros urbanos são tradicionalmente, também, o universo em que orbita toda uma galeria de figuras vulneráveis e ameaçadoras, desregradas e indesejáveis: mendigos, prostitutas, michês, imigrantes, homens-sanduíche, travestis, palhaços, boêmios, conspiradores, vagabundos, trombadinhas, espertalhões, poetas, drogados etc., tipos característicos de “iluminados”, afeitos aos subterrâneos da grande cidade (LIRA, 2013, p.172-173).

A “moralidade frouxa” se apropria dos espaços abandonados pelo capitalismo, que inventa, demole, revitaliza e abandona tudo sob o prisma da conveniência lucrativa. São viadutos, fábricas, praças,



monumentos ou centros comerciais largados pela burguesia e apropriados pelo tempo e por sujeitos banidos e vencidos pela oficialidade da ética capitalista.

Agora aquele espaço minuciosamente projetado e erigido se tornou estorvo urbano, ocupado por “estorvos morais”. Os escombros produzidos pelos redesenhos capitalistas são excreções indesejáveis resultantes dos padrões de consumo reinventados, cujo rastro se torna ruidoso e repugnante nas cidades, sendo objeto de interesse apenas para os excluídos. E, quando os excluídos se apropriam caoticamente desses espaços residuais, eles aceleram a sua deterioração, convertendo-os em antros de sujeira física e moral, exalando o odor característico do descarte segregado pelo capital.

Na ocasião, incomodada com seus próprios excrementos, a sociedade se torna então parceira da ideia de revitalização. As ruínas então são reempossadas por sujeitos que assumem a incumbência de uma higienização espacial e, por efeito, moral, sendo, em alguns casos, a demolição compreendida como alternativa cabível e definitiva.

Em Santo Amaro, foi possível constatar no ano de 2012 a doação das ruínas de uma antiga metalúrgica ao governo federal com vistas à construção de uma universidade no prazo de quatro anos. Essa empreitada teria uma função altamente significativa ao poder público local. Primeiro porque higienizaria daquele *locus* os incômodos sociais e éticos que ele abriga e depois porque o preencheria de um aparelho “útil” ao nexos do capital.

Ao entrevistarmos moradores de mediações das ruínas, ficou evidenciada a repugnância que se tem por aquele lugar. Trata-se de uma área alagável, que margeia o rio, com entorno preenchido por favelas. Ultimamente, as ruínas foram ocupadas por pessoas de índole questionável, onde se torna possível ouvir tiros durante a noite e discussões inflamadas, segundo relatos dos moradores. Aliado a isso, o caráter ruinoso do lugar, rodeado de mato o torna feio, degradante e pouco atraente para qualquer coisa senão para a favelização. Na percepção dos entrevistados, um ambiente abandonado assim deveria ser preenchido apenas por sujeitos igualmente execrados, que se apropriaram do resto, dos detritos rejeitados pelo centro urbano.

As senhoras donas de casa que entrevistamos se mostraram pouco preocupadas com a revitalização das ruínas e mais preocupadas com as consequências deste processo para si mesmas e para a clandestinidade de suas residências naquele espaço. A aparência suja, maltrapilha e degradante das ruínas gera consensuais indagações: “Porque aqui? Porque vocês não vão para o centro? Isso é lugar de favelado”.

Agora, revitalizar o que? Se revitalizar implica em devolver a vida, podemos então considerar mortos os sujeitos que ocuparam a lacuna deixada pelos contratempos do capital? Embora os intentos de edificar ali uma grande universidade federal sejam nobres, eles não seriam igualmente autoritários por desbaratarem sujeitos que ocuparam o vão deixado pelo Estado? A ideologia da “revitalização” não autenticaria a ideia de que há vida apenas nas engrenagens do sistema?

Não coube especular respostas a estes questionamentos neste texto, porém é de nossa incumbência perceber o quanto a relação dialética entre uma memória latente e um futuro que insiste em consumi-la se mostra viva na montagem dos espaços urbanos. As ruínas não dão conta de entender emaranhado de temporalidades que trafegam na cidade, mas permite observar que as sinuosidades da história sedimentam o

passado e, ao mesmo tempo o corrói. A memória e o esquecimento são faces opostas de uma mesma porção cristalizada nos prédios ruinosos e entendê-los sob o espectro reducionista da “demolição” ou “apropriação” é negar os muitos conflitos ali perenizados e as muitas subjetivações dali derivadas.

## Conclusão

O texto teve por intenção dialogar elementos subjetivos e concretos que compõem a estrutura do espaço urbano, salientando ambos como organismos cambiantes inscritos numa história em pleno movimento. Por outro lado, a materialização de símbolos e discursos no espaço não ocorre de forma harmônica e sim caótica, especialmente num contexto capitalista, capaz de aprofundar desigualdades que cingem as relações sociais.

Neste ponto de vista, o espaço urbano é composto por um emaranhado de signos, valores, memórias e representações que esgrimam entre si e anunciam a existência de homens e mulheres históricos. Dessa forma, ruptura e conservação não se tornam antítese, pois travam uma relação passível de coexistência, carregada de conflituosidade e instabilidade, mostrando que a perpetuação ou o esquecimento de ideias e conceitos se dão através de intencionalidades muito claras. Destarte, o espaço, a cultura, a memória ou as representações, são edições que apenas podem ser interpretadas pelo entendimento de sujeitos, cujas biografias se articulam aos meandros cambiantes da história.

## Referências

- ALVES, G. **Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 1993.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LIRA, J. T. C. De patrimônio, ruínas urbanas e existências breves. **Revista Redobra**. Salvador, num.12, ano 4, 2013. Disponível em [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/revista\\_redobra12\\_virtual.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/revista_redobra12_virtual.pdf) Acesso 26 de abril de 2015.
- MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.